

NIILISMO HEROICO COMO PERCURSO CRIATIVO EM ASCESE DE NIKOS KAZANTZÁKIS

HEROIC NIHILISM AS A CREATIVE PATH IN *THE SAVIORS OF GOD*: *SPIRITUAL EXERCISES OF NIKOS KAZANTZAKIS*

Carolina Donega BERNARDES¹

RESUMO: *Ascese Os Salvadores de Deus* (1927) de Nikos Kazantzákis é um texto híbrido, formado pelo cruzamento dos discursos filosófico (Nietzsche e Bergson), literário (prosa poética) e religioso (Budismo e Cristianismo), o que dificulta sua classificação entre os tradicionais gêneros discursivos. A obra é composta temática e estruturalmente pelo niilismo heroico, pela aceitação dionisíaca em meio ao declínio e pela superação de valores que impedem as pulsões naturais, levando o herói a formular novas avaliações da vida. A construção retórica em *Ascese* sinaliza a possibilidade de haver coexistência pacífica, choque, ruptura ou dissolução de um ou mais discursos. Procuraremos mostrar, no entanto, que é exatamente a coexistência desses discursos, aparentemente antagônicos, que possibilita ao homem a liberdade de inverter a hierarquia criador/criatura e assumir o poder de criar e recriar, para além dos valores e tradições impostos. Pretende-se mostrar, portanto, que valendo de diferentes discursos e transitando entre diferentes áreas do conhecimento, a obra se abre às questões da textualidade, provocando a reflexão para além dos limites impostos pelos gêneros discursivos e pelas formas de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Hibridismo. Niilismo heroico. Dionisíaco. Liberdade. Recriação.

ABSTRACT: *The Saviors of God: Spiritual Exercises* (1927) by Nikos Kazantzákis is a hybrid text, formed by the intersection of philosophical (Nietzsche and Bergson), literary (poetic prose), and religious (Buddhism and Christianity) discourses, making it difficult to classify within traditional discursive genres. The work is thematically and structurally composed of heroic nihilism, Dionysian acceptance amid decline, and the transcendence of values that hinder natural impulses, leading the hero to formulate new evaluations of life. The rhetorical construction in *The Saviors God* signals the possibility of peaceful coexistence, clash, rupture, or dissolution of one or more discourses. We aim to show, however, that it is precisely the coexistence of these seemingly antagonistic discourses that allows man the freedom to invert the creator/creature hierarchy and assume the power to create and recreate, beyond imposed values and traditions. It is intended to demonstrate that by utilizing different discourses and transitioning between different areas of knowledge, the work opens up to issues of textuality, provoking reflection beyond the limits imposed by discursive genres and forms of knowledge.

KEYWORDS: Hybridity. Heroic nihilism. Dionysian. Freedom. Recreation.

1. Doutora em Letras (Teoria da Literatura) pela Universidade Estadual Paulista – UNESP (São José do Rio Preto), com pesquisa sobre a obra de Nikos Kazantzákis. E-mail: biabeca@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0641-5839>.

Dentre as obras de Nikos Kazantzákis, *Ascese Os Salvadores de Deus* (1927) é o texto mais complexo e inovador, tanto na temática quanto na estrutura. A interação entre os discursos filosófico, literário e religioso confere-lhe a característica de texto híbrido. Seus parágrafos breves, ritmados e marcados pela repetição de palavras e expressões, e pela frequência de metáforas e figuras que dão corpo a ideias abstratas remetem o texto à poesia ou à prosa poética. A elocução de *Ascese* é pronunciada num diálogo virtual, que permite o questionamento sobre quem são os emissores do discurso. O tom passional e as inflexões de advertência aproximam-no de *Assim falou Zaratustra* (1883) de Nietzsche. A sonoridade de versículos bíblicos e a voz imperativa da elocução assumem o caráter religioso da multidiscursividade do texto.

É no cruzamento desses discursos que Kazantzákis desenvolve sua “crença” no niilismo. À semelhança do niilismo de Nietzsche, Kazantzákis transforma a afirmação dionisíaca de crescimento em meio ao declínio em aceitação total da vida, propondo um “niilismo heroico”. A ideia de enfrentamento do perigo, de se lançar ao abismo, caracteriza a heroicidade desenvolvida em *Ascese*. O niilismo heroico é a aceitação e a participação na vida em sua plenitude, na alegria e no sofrimento. Kazantzákis não desenvolve essa concepção apenas na temática, elabora-a também na estrutura do texto. O risco da heroicidade, o estar à beira do abismo é que faz de *Ascese* um texto que se situa nos limites entre gêneros e formas discursivas estabelecidas. Composto de fragmentos, de textos entre textos, *Ascese* se arrisca a não ser ou deixar de ser uma obra literária. O abismo no qual pode cair é o nada, o nada do não-literário, do não-filosófico, do não-religioso. E, paradoxalmente, é exatamente esse risco de perder-se que faz de *Ascese* uma obra que se caracteriza a si mesma em meio à negação e à afirmação.

Disposto a entender e aceitar o caos não só de sua época, mas de épocas anteriores também, o autor constrói a obra com as vozes de diferentes pensadores, assumindo a impossibilidade de uma verdade totalizante em apenas uma voz e, principalmente, em apenas um discurso. Os discursos fundadores de *Ascese* se interpenetram por carregarem traços que transbordam e participam na constituição uns dos outros, proporcionando o caráter de descentralização dos gêneros e formas discursivas.

[...] um texto não saberia *pertencer* a nenhum gênero. Todo texto *participa* de um ou de vários gêneros, não há texto sem gênero, há sempre gêneros e gêneros, mas essa participação nunca é um pertencimento. E isso não por causa de um transbordamento de riqueza ou de produtividade livre, anárquica ou inclassificável, mas por causa do próprio *traço* de participação, do efeito do código e da marca genérica. Ao marcar-se com gênero, um texto se afasta dele [...]. Se a re-marca de pertencimento *pertence* sem *pertencer*, *participa* sem *pertencer*, a *menção de gênero simplesmente não faz parte do corpus*. (Derrida *apud* Nascimento, 1999, p. 291).

Essa hipótese de Jacques Derrida, apresentada por Evando Nascimento em *Derrida e a Literatura*, deflagra uma antiga discussão quanto aos limites entre os gêneros e os discursos. O trabalho investigativo de Derrida em “La Loi du genre” (1986) encaminha a polêmica para

a inexistência de gêneros em estado puro. Há naturalmente traços que se repetem em determinados textos, facultando a possibilidade de reuni-los em formas discursivas e em gêneros. Os textos carregam traços identificáveis que permitem o reconhecimento de sua participação em um conjunto. Porém, há traços que transbordam e rompem os limites que separam os gêneros e discursos, sinalizando que “todo texto *participa* de um ou mais gêneros *sem pertencer* inteiramente a nenhum” (Nascimento, 1999, p. 290).

Se em algum momento tentou-se erguer uma fronteira divisória entre literatura e filosofia, foi apenas por haver certa “desconfiança” dos filósofos no jogo entre o dizer e o insinuar proposto pelo caráter metafórico da literatura, enquanto a filosofia propugna um encontro da verdade por meio de um discurso argumentativo e conceitual. A metáfora como figura ornamental sugere, ou seja, não se fixa na presença, valor da tradição filosófica, e foi vista por essa mesma tradição como ornamentação desnecessária e secundária por não se expressar de maneira direta e objetiva.

Porém, a linha demarcatória que intenta separar os discursos não se verifica com eficácia na prática. Pode-se recorrer a inúmeros exemplos que derrubam a hipótese de separação nítida entre eles. *Vida e proeza de Alexis Zorbás* (1946), do próprio Kazantzákis, é uma obra em que se notam marcas textuais de romance, como a presença de enredo e personagens, e ainda marcas do saber filosófico, como a busca de verdades nas múltiplas significações do ser, assim como o questionamento ininterrupto de conceitos formatados pela metafísica ocidental e oriental – Deus, Buda, ação e contemplação, entre outros. Outro fecundo exemplo é toda obra, dita filosófica, de Nietzsche, que lança mão da metafóricidade para atravessar a complexidade do discurso conceitual. Conforme as palavras do renomado estudioso Roberto Machado: “a arte tem mais valor do que a ciência por ser a força capaz de proporcionar uma experiência dionisíaca” (Machado, 1999, p. 29).

A opção de acolher discursos que, por natureza, são divergentes e irreconciliáveis, como exemplo o Budismo, que prega a não necessidade de Deus e convive em *Ascese* com uma nova imagem de Deus sendo construída, autoriza o não-absolutismo de nenhuma crença, e por consequência, de nenhum discurso. Em *Ascese*, não há supremacia nem vitória de formas discursivas e de dogmas, o que indica a desconstrução estrutural e conceitual da obra, o que nos leva a pensar em uma possibilidade de niilismo discursivo. A metafísica e os valores impostos pelo cristianismo são deixados de lado nesse movimento de aliar discursos opostos, num entrecostar de opiniões e de marcas próprias de cada discurso.

Ascese caminha em consonância com Nietzsche, para quem “as convicções são cárceres” (2002, p. 93), e elas impedem a plena evolução do pensamento e da criação. O perspectivismo de Nietzsche muito bem caracteriza a confluência dos discursos como método de se romper com a tradição. O entendimento apurado ou mais próximo da completude de um determinado conceito ou valor só poderá ser alcançado com o apoio de diversas formas de pensamento, com a abertura das perspectivas, como afirma o filósofo:

[...] Quanto maior seja o número de olhares, de olhares distintos que saibamos empregar para ver uma mesma coisa, tanto mais completo será nosso “conceito” sobre ela, tanto mais completa será nossa “objetividade” [...] (*apud* SOUSA, 2002, p. 23).

O que *Ascese* reitera a partir dessa afirmação nietzschiana é a impossibilidade de verdade num único discurso ou crença (se a verdade for possível de alguma maneira). Não há discurso ou tradição conceitual ou metafísica que dê conta por si só de amainar a turbulência espiritual confiada pelas questões seculares. Se o Budismo aclara questões que o cristianismo obscurece, por outro lado ofusca-se diante das iluminações de Nietzsche; e se Bergson completa o que Nietzsche não enunciou, perde-se no vigor e na proposta transformadora do mesmo. Ademais, o discurso literário não teria conquistado a supremacia sobre seus companheiros, por necessitar deles para expressar o que a metáfora e a ficcionalidade teriam dificuldades.

A busca de *Ascese* não está, deve-se dizer, em desafiar a tradição com a quebra de valores através da quebra de discursos, provocando uma *hybris*, mas em mostrar ser possível, por meio da multidiscursividade, uma vasta escolha de caminhos e em avisar que crenças “inimigas” podem conviver em suas “verdades” individuais tão bem fundamentadas, se houver a abertura da visão perspectiva. Sua construção tem o intuito de instar o homem a retomar seu poder criador, a favor de si mesmo e não para provocar a discórdia.

Se não há em *Ascese* a intenção de se indispor com a metafísica e alimentar o estremecimento, não há igualmente a intenção de incitar um confronto negativo entre os discursos. A presença tripla de discursos diferentes não elimina a importância de cada um, não encoraja a minimização deste ou daquele para a vitória do outro. Na verdade, *Ascese* realiza a convivência como meio de expressar o que os três discursos comunicam à sua maneira: a salvação ou recriação de Deus passaria pelo filosófico, pelo religioso e pelo literário, instâncias que se dedicam e que já se dedicaram à apreensão deste Ser. Para arrancar a máscara histórica e cultural de Deus, para libertá-lo dos rótulos, os três discursos irmanados nesta obra são a força motivadora. A contraposição que se opera dessa maneira é a de valor/liberdade; somente através da quebra de valores, o homem ascético restituirá a si e aos demais companheiros a liberdade criadora.

O rompimento com as formas discursivas tradicionais em reflexo à ruptura com os valores metafísicos deflagra a busca de *Ascese* pela liberdade. A não-opção por uma forma discursiva estabelecida e, ainda, por qualquer ideia formatada confirma seu real intento. Se houvesse inclinado pela síntese, *Ascese* estaria assim abraçando as crenças das quais deseja libertar-se. Elas permanecem presentes e, desse modo, a multidiscursividade não se reduz à autofagia. *Ascese* não afasta os discursos de si, não os renega, inviabilizando suas verdades. Ao contrário, os discursos religioso, literário e filosófico, bem como as ideias por eles debatidas e revistas ao longo do texto, continuam a orbitar ao redor de *Ascese*, sem, porém, tomarem o espaço hierárquico da obra ou se fundirem em sua textualidade.

Ascese escolhe o caminho da reavaliação, do aproveitamento de ideias e filosofemas para adequá-los à sua própria capacidade de criação e avaliação. Assim, condensações temáticas e instâncias discursivas de Bergson, de Nietzsche, do Budismo, do comunismo e do cristianismo, que lhe pareciam coerentes e que poderiam consignar algum sentido à sua avaliação do mundo, convivem em *Ascese* e fundamentam seus questionamentos.

Deus e homem: criador e criatura?

A quebra de valores se estende para a relação entre Deus e o homem. *Ascese* não crê no Deus cristão, formado pelas imposições religiosas e pelas diversas máscaras que ele recebeu da cultura e do homem histórico, reafirmando a visão niilista que lhe serve de impulso à liberdade.

O Deus cristão é mais um dos artifícios usados pela religião tradicionalista para fundamentar sua doutrina e impor aos crentes condutas que refletem apenas os interesses do clero. Com o intuito de formar rebanhos submissos, o alto clero da Idade Média preconizou a ideia de um Deus punitivo e seletivo, que não irradia amor, perdão e compaixão pelos homens, incitando, assim, o medo e a culpa em todos os seguidores. Os interesses materiais e de poder dos eclesiásticos ficaram assegurados por séculos com o domínio dos homens, que nada podiam fazer sob a força grandiosa de Deus.

Essa máscara foi perdendo sua influência com a chegada da Era Moderna, com o cientificismo e toda a necessidade de libertação do homem. Entrementes, o surgimento da ideia nietzschiana de “morte de Deus” atirou ao limbo a figura punitiva e “desumana” cultuada há tanto tempo. Na realidade, quem morria não era o próprio Deus, se ele existe independente da criação humana, mas a máscara delineada cuidadosamente pela Igreja Cristã. Morrendo Deus, morria toda a esperança de uma vida melhor em um mundo pós-morte; morria igualmente a ideia de proteção e de salvação por meio do seguimento do reto caminho e da mão enorme do Deus poderoso. O homem, agora, estava sozinho e entregue aos seus próprios poderes.

Se estava morta a grande sombra que vigiava e controlava os passos humanos, muitas vezes medindo e cerceando, nascia por outro lado, o super-homem. Esta nova visão do homem proposta por Nietzsche é a imagem daquele que supera as oposições terra e além-terra, sensível e espiritual, corpo e alma; o super-homem é aquele que supera as ilusões metafísicas do mundo pós-morte e se volta para a terra, em valorização. O que é superado dessa maneira é o homem do passado e sua crença na divindade.

Com a substituição de Deus pelo super-homem, fica evidente que sua morte foi concretizada, mas quem terá sido o assassino? O homem moderno foi quem matou Deus e esse parricídio é a constatação do niilismo na modernidade.

O homem como nova autoridade, realizando seus projetos de progresso e de bem-estar terrestre, tendo como instrumento apenas a sua própria razão, conquista a sua plena autonomia e desenvolve sua capacidade adormecida de criar. O direito ou poder de se fazer obedecer, de

dar ordens, de tomar decisões, de agir, evolui para uma prática inventiva, de fundar, criar e descobrir. O título de autoridade conquistado pelo homem moderno se transforma em novo título, o de autor, o que não o diferencia em nada dos antigos atributos de Deus, poderoso e criador de todas as coisas.

A conclusão de que ainda existe e de que tudo é criação mental leva a uma nova conclusão proposta por *Ascese*, a de que Deus realmente não existe e de que nunca existiu, tendo permanecido no mundo fenomênico apenas pela faculdade criadora do homem. Se Deus nunca existiu, o homem terá sido sempre a autoridade máxima, sempre o criador de todas as coisas perceptíveis pelos cinco sentidos. Toda a existência de Deus por longos séculos terá acontecido para atender às conveniências dos sacerdotes e às necessidades de um homem debilitado, sequioso em se apegar a algo para escapar de sua miséria. Se Deus é tão-só uma criação humana, seu assassinato não implica um crime horrendo e cruel, mas apenas o abandono de uma ideia desnecessária e não mais plausível.

Ascese, porém, não encerra a questão aqui, não se satisfaz com o absolutismo da morte e da inexistência de Deus. O impulso, ou élan vital, bergsonianos impede que a problemática se resolva através do niilismo triplo – Górgias, Budismo, Nietzsche – e da superação nietzschiana. Revestido de certo mistério, o élan, sopro ou grito indica a existência de algo que dá vida às coisas, que instaura o nascimento e a permanência das espécies no mundo terreno. Se o homem é o criador de Deus, o criador do homem e de todos os seres é o élan vital. Mesmo misterioso, inexplicável e invisível, o élan é a força instauradora da vida, e por isso, identificável e passível de comprovação. Se “A Preparação” é o advento do niilismo, “A Marcha” é o ressurgimento da existência.

O Nada não é mais a força maior, outra força se instala e dá origem ao que antes era certo existir. Se a vida é possível, se o niilismo não é a única fatalidade, a inexistência de Deus pode não ser tão peremptória. *Ascese* aceita, neste estágio, a possibilidade de que esse Ser cultuado e morto exista independente de qualquer ação humana. Pela atuação do élan vital, nos degraus do Eu, da Raça, da Humanidade e da Terra, o herói de *Ascese* passa a distinguir uma coincidência com o antigo poder criador atribuído a Deus. A perda da total influência niilista ameniza o caráter rígido da não-crença e de toda e qualquer certeza de que o mundo seja uma “fantasmagoria do nada”, facultando assim o renascimento de Deus.

Não é tranquilo e indolor o ressurgimento de Deus, sua luta é árdua. Para recuperar suas forças e voltar à existência, ele precisa atravessar todas as ideias que lhe foram atribuídas ao longo dos tempos, todas as marcas que ficaram impressas na noção de Deus. Isso significa vencer o passado histórico das imposições, vencer as ideias humanas de niilismo e “morte de Deus” e ainda vencer a matéria como obstáculo à livre existência do espírito. Sua luta é, enfim, contra o poder criador do homem.

Mas se o homem é ainda a autoridade máxima, cabe a ele restituir a Deus o seu direito à vida. Como criador deste mundo de matéria, a função do homem foi a de dar à luz um ser poderoso que pudesse salvá-lo de seus erros e imperfeições, no entanto esse ser roubou-lhe toda a

liberdade, e foi necessário exterminá-lo. Com a ideia de élan vital, porém, instaurou-se a dúvida, e o ato criativo do homem perdeu sua amplitude e autoridade, à descoberta de que Deus não teria nascido do próprio homem.

A origem de Deus pode não estar relacionada ao ato criativo do homem, mas seu renascimento ainda depende dele. Se a ideia de Deus foi criada e sepultada pelo homem, a salvação do ser divino, ou seja, a recuperação da ideia de uma força maior e imortal, deve-se ao mesmo que o matou.

O clamor de Deus por sua salvação é o clamor de todas as espécies, conscientes de que o herói chegou ao ponto em que está preparado para entender que a salvação não só de Deus, mas de todo o Universo, depende da interação de todas as antinomias que ele guarda ainda em relação às coisas. A partida está na dissolução de todas as máscaras culturais, de todos os nomes atribuídos à força que instaura e devora – Deus, Abismo, Treva Absoluta, Luz Absoluta, Silêncio. A salvação à qual Deus anseia está no apagamento das nomeações e valorações humanas, um apagamento que seja nirvana, superação nietzschiana e misticismo completo, ou seja, um apagamento restaurador, que redima Deus de seu passado e que o prepare para uma nova existência.

Tal clamor divino se deve à sua ciência de que as criações humanas de conceitos e fenômenos ilusórios são apenas estratégias para falsear e encobrir o Nada terrível. Mas o herói de *Ascese*, reconciliado com o niilismo, nada tem a temer e não mais necessita dos conceitos e da fundação e sustentação de um mundo fantasioso. A única certeza é a de que a existência se pauta nas forças ascendente e descendente, que pulsam, indiferentes ao conflito antinômico, ao nada que se insinua e à necessidade humana de que todas as coisas se tornem visíveis e palpáveis.

Livre de tais necessidades, o herói tem o instante da Visão, a revelação de que Deus é simplesmente o embate entre as duas correntes de força, perpetuamente gerando e suprimindo. Assim, Deus não é bondade, tampouco vingança, não é onipotência nem impotência, não é onipresença nem ausência. A luta do élan vital supera os valores culturais de que Deus possa ser a potencialidade, a presença e a bondade supremas, mas também elimina o contrário desses valores, eliminando também, a ideia de niilismo. Deus está na não-conceituação, no ponto entre a vida e a morte, sem, porém, suprimir a vida e a morte; Deus é o caminho do meio na concepção budista, o indecível e a *khôra* platônica, relida por Derrida, “corpo sem corpo, corpo ausente, mas corpo único e lugar de tudo, no lugar de tudo, intervalo, lugar, espaçamento” (Derrida, 1995, p. 38).

Que lugar é esse senão o próprio homem? As tentativas das religiões em situar Deus no espaço, em figurá-lo de alguma maneira nos conceitos formais da matéria, lograram em decepção, em razão de que essas tentativas buscavam inserir uma força misteriosa e invisível nos conceitos relativos, apenas estes apreensíveis pela mente humana. Em *Ascese*, porém, o herói voou mais alto e conquistou a visão além dos limites de sua própria mente, ou seja, conquistou a intuição do místico e o despertar budista. Nesse momento de êxtase, o herói descobre que o lugar de Deus se encontra em si mesmo, que a busca não deve ser externa ou terrestre.

A tendência em *Ascese* é a de concluir pela imanência de Deus no homem, que ambos são coincidentes, e que essa coincidência se expande para toda a Terra, para o Universo. Aqui tanto a interdependência budista quanto a evolução criadora de Bergson, que concentra a origem de todas as espécies num mesmo ponto, servem de fundamentação para a união entre criador e criatura, recebendo Deus ou o homem as qualificações de ativo e receptivo. O Budismo afirma “somos todos um”; Bergson conclui “viemos de uma mesma linha de força e rumamos para o mesmo fim”; *Ascese* concentra em um único corpo visível e invisível as pedras, as plantas, os animais, a humanidade (entre antepassados e descendentes) e Deus. Assim, toda a atuação do élan vital passa também pela atuação humana e das espécies mais rudimentares. Se Deus está além das oposições, dos conceitos e das ilusões, por tê-los superado, o próprio homem tem o dom da superação.

A coincidência com a atuação do élan vital ou com Deus ocorre no movimento de superação das debilidades humanas, com a decisão de não mais elaborar conceitos e de não empreender formações mentais ilusórias. Todo homem tem em si a semente do divino e é parte da força do impulso vital, porém o apego ao mundo ilusório e à razão como avaliadora das verdades não permite que a semente se desenvolva, que a esfera do Absoluto ou da essência seja a sua realidade e que seja possível sentir a imanência de Deus. O herói de *Ascese* é aquele que alcançou a superação suprema e que, assim, sabe que Deus, ele e todos os seres vivos são um só.

Neste ponto, a discussão sobre a autoridade de Deus ou do homem se desvanece e perde sua utilidade. O interesse de Deus em sua salvação não está em recuperar sua posição de superior, em reassumir o controle do Universo, mesmo porque, como força atuante pelo élan vital, ele nunca perdeu o controle da vida e da morte. Ao próprio herói não interessa se, como homem, será o centro de tudo; sua superação está exatamente na imanência com Deus, na fusão do ato da criação com a recepção da criatura, não sendo possível distinguir o autor da existência.

Se o homem é duplamente a criatura e o criador de Deus, cabe a ele recriar a si mesmo e recriar uma nova forma de sentir e pensar a divindade: essa é a salvação.

O Poeta afirmador da vida

O herói em *Ascese* é aquele que engendra, procria, dá à luz, concretiza no mundo o que leva em seu íntimo. O ato criativo consolida um “matrimônio” indissolúvel entre o artista e a terra, pois o criador não produz a partir do nada, e sim age em sintonia com os impulsos que ecoam em seu corpo, profundamente enraizados na terra.

Como fidelidade à terra, Nietzsche concebe o ato criativo de duas maneiras: paternidade e maternidade. Quando a atividade criadora é identificada com a maternidade, o aspecto relacionado a ela é receptivo, a geração de valores em seu ventre; a atividade do artista dessa forma está em gestação, muito embora pareça ser passiva. “Os trabalhos do parto simbolizam o processo lento e doloroso que vive o criador: as muitas metamorfoses, as amargas agonias que

padece antes de dar à luz” (Barrenechea, 2000, p. 91). O artista como mãe não anula sua associação com a criança, pois, ao dar à luz, ele renasce com sua obra, mãe e criança ao mesmo tempo. Essa convergência simbólica nos remete ao poeta, ser que engendra em seu íntimo, que sofre e se angustia para realizar suas obras.

A paternidade do artista está em sua ação, no desejo de deixar obras, marcas, “filhos” que prossigam sua criação. Essa característica da atividade artística se confunde com a do herói, que lança sementes em sua luta para que elas frutifiquem na terra. O trabalho do artista-pai é o de promover a criação externa, ampliando os modos de avaliação entre seus descendentes, sua raça, a humanidade. Sua ação pode ser verificada quando ele dialoga com o leitor; ao convocá-lo para o aprendizado da *ascese*, ele está plantando sua semente de quebra e criação de valores, irradiando sua mensagem de transvaloração e liberdade.

A ideia da gravidez é a que melhor se aplica ao ato criativo por sua integração com as pulsões terrestres que dirigem o corpo do criador. Prenhe de novas visões e apreensões, o criador dará à luz novas avaliações. As pulsões que provocam no criador o desejo de ir avante, de produzir um mundo novo, estão ligadas à vontade de potência, vontade vital, inesgotável e criadora, postulada por Nietzsche, que reflete a dinâmica terrena oposta totalmente à ideia de além. O encontro nupcial se realiza entre o criador e sua casa terrestre.

A criação do herói/poeta não é motivada por idealizações fantasiosas, amparadas em hipóteses e em desejos supra-terrenos. Sua ascensão é o retorno à vida na Terra, recriando nela uma nova morada. A luta do herói para a salvação/recriação de Deus está exatamente na luta contra a matéria, em confronto com a corrente descendente:

Com o auxílio da mente, obrigamos a matéria a seguir-nos. Invertemos o curso das forças descendentes, convertendo a escravidão em liberdade./
 Ao lutar com o mundo visível que nos circunda e ao submetê-lo, não libertamos Deus apenas: nós o criamos!/
 Abre os teus olhos, grita Deus; quero ver! Aguça os teus ouvidos, quero ouvir! Avança: és a minha cabeça!/
 A pedra será salva se a tirarmos da lama para construir uma casa; se gravarmos sobre ela o espírito (Kazantzákis, 1997, p. 138).

Nessa passagem, há uma grande concentração do potencial criativo requisitado ao herói/poeta. É, porém, no mundo visível que ele procederá, recriando suas leis, rompendo com os valores e mistificações; não romperá, no entanto, com a mente e com os seus sentidos. São eles suas ferramentas para a criação no mundo material, lembrando que as formações mentais no Budismo, embora ilusórias, transformam o homem também em criador.

As pulsões terrestres que invadem os seres vivos, dentre eles o herói/poeta de *Ascese*, são as mesmas de acordo com a visão nietzschiana da vontade de potência, com a evolução criadora de Bergson e a interdependência budista. O poeta, então, apenas poderá criar em consonância com essas forças, respeitando-as e deixando que o fluxo natural da vida atue no universo.

Como força que irrompe no interior do poeta, a vontade de potência marca o niilismo ativo de Nietzsche. Niilista enquanto não necessita da vontade de verdade para a segurança pessoal, já que tudo é devir; niilista enquanto não necessita da muleta divina para pôr-se em marcha e para criar a própria vida; niilista enquanto não há necessidade de Deus para a salvação, já que, segundo o autor, “Deus está morto”, e se está morto, não há por que se salvar. A afirmação do niilismo em Nietzsche é o amor máximo à vida, sem exigir dela que seja o que não é.

A vida não é boa nem má, ela é simplesmente vida como impulsos, fluxos de forças presentes em toda parte. Somente quem chega a esse estado de *amor fati* é capaz de libertar-se de qualquer niilismo e dizer aquele eterno sim à existência e que não se amedrontaria se tivesse que viver assim eternamente (Sousa, 2002, p. 26).

A afirmação da vida como ela é, em todo o seu sofrimento e alegria, significa “criar”, “dar” e “avaliar”. A vontade de potência nietzschiana situa o super-homem muito além do bem e do mal e o liberta de uma cultura decadente. O negativo na vontade de potência se presentifica apenas como agressividade própria à afirmação, como a destruição que complementa a criação.

Para criar, o herói/poeta deve apenas dar crédito às forças que dimanam em seu íntimo. No ato criativo há a fusão do íntimo do criador com os elementos exteriores, em suas entranhas ele acolhe e processa os frutos da terra. A criação reaproveita esses frutos, digere-os e os devolve à terra. Pela digestão, o criador incorpora o mundo, fecunda seu ventre com as sementes desse mundo e gera a vida que ele devolve à terra.

A confiança nas forças naturais é a aceitação da vida fundida nas correntes ascendente e descendente, com todo o seu extremo negativo e positivo. Para o alcance de uma visão não deformada pelos valores morais, o herói/poeta deve buscar em seu íntimo a junção dos contrários; a existência dos polos negativo e positivo é a realidade visível em todas as coisas e seres. Sem a aceitação do movimento de subida e descida, o criador de *Ascese* se afastará das forças da vida, voltará às crenças ilusórias e perderá sua fertilidade. Ao contrário, porém, o herói/poeta, modificado pelo aprendizado internalizado e imerso em toda a existência, opta pela afirmação dionisíaca, que o leva a estados ainda mais plenos de criação.

Com a palavra “dionisíaco” é expresso: um ímpeto à unidade, um remanejamento radical sobre pessoa, sociedade, realidade, sobre o abismo do perecer: o passionalmente doloroso transporte para estados mais escuros, mais plenos, mais oscilantes; o embevecido dizer-sim ao caráter global da vida como aquilo que, em toda mudança, é igual, de igual potência, de igual ventura; a grande participação panteísta em alegria e sofrimento, que aprova e santifica até mesmo as mais terríveis e problemáticas propriedades da vida; a eterna vontade de geração, de fecundidade, de retorno; o sentimento da unidade entre a necessidade do criar e do aniquilar (Nietzsche, 1991, p. 173).

Dioniso, como deus da criação e da destruição, é a vontade de potência em si mesma, ser-em-si que age livremente, que se transcende em pura torrente de si mesmo, autossuperação criadora que remete à possibilidade de editar novos valores. Essa é a visão do super-homem,

figura quase heroica, que se afirma sob perigos e que faz de sua vida uma eterna luta para desvencilhar-se da moral imposta e criar em si mesmo potencialidades humanas naturais, que se coadunam com a própria pulsão da vida e do Universo.

O herói/poeta sabe que a vida não é tranquila, que é feita de seiva e de morte, mas reconhece, em meio a esse abismo, seu poder de conviver com as oposições e de aceitá-las; aceitando-as alcança a unidade entre elas, entre ele e elas, entre ele e Deus, entre ele e todas as espécies vivas. A unidade em que se encontra confere a ele o sentimento de potencialidade, de superação dos apegos inferiores. Concordando com o fluxo natural da vida, com as suas próprias pulsões de criar e destruir, o herói/poeta se vê imerso no fluxo contínuo e tem noção exata do retorno eterno da vida, ciclo do qual ele também participa. Não mais temendo o niilismo implacável, o criador dionisíaco desenvolve em si o amor pela vida e descobre nele a sua fonte de criação.

A fluência máxima do curso da vida é a extrema aceitação dionisíaca. O ato criativo não é apenas a fundação de novas avaliações, mas ainda a concordância com as correntes eternas de subida e descida, sem desafiá-las e sem elaborar fabulações mentais de fuga ao que é impossível escapar. A aceitação dionisíaca é assim intensa criação. E o que deve criar o herói/poeta?

Vimos de um caos onipotente, de um denso e indissolúvel abismo de luz e trevas. E pelejamos todos – plantas, animais, homens, ideias –, na brevíssima passagem de nossa vida individual, para ordenar o caos dentro de nós, para iluminar o abismo, para converter em luz, dentro de nossos corpos, toda a treva possível (Kazantzákis, 1997, p. 118).

Toda a *ascese* está concentrada na possibilidade de luz em meio à escuridão. O herói/poeta reconhece a força grandiosa das trevas, que representam a corrente descendente de decomposição, morte, inatividade, matéria, e aceita sua eterna presença. Mas como homem dionisíaco, que se supera e deixa florescer a semente divina dentro de si, é ciente também de suas aptidões e capacidade de converter a desordem das ideias, do sofrimento e da descrença em positividade, serenidade e ação.

Multidiscursividade e Liberdade

Ascese concretiza sua busca pela liberdade em dois níveis: pela trajetória do herói/poeta e pela multidiscursividade. O itinerário traçado para o herói/poeta (e com ele o leitor) não é tão somente rumo ao alcance da iluminação, à recriação da face de Deus, ou com o intuito da superação e da descoberta das sementes divinas em si, mas ainda um combate às áreas do saber que moldaram suas atitudes e pensamentos. Antes do início da *ascese*, o herói fora premido por crenças filosóficas e culturais que governavam suas ações e impossibilitavam avaliações próprias do mistério da vida. A *ascese* kazantzakiana não é, pois, apenas um movimento de subida, mas um processo de desprendimento dos conceitos e fabulações insuflados pelas diversas leituras, no plano textual e extratextual, realizadas pelo herói.

A busca pela liberdade é um movimento realizado por Kazantzákis também. Ao propor a multidiscursividade como alicerce de *Ascese*, o autor revela sua aspiração pela liberdade, instigando na obra um diálogo interno entre diferentes formas de pensamento. Esse diálogo entre Nietzsche e Bergson como importantes representantes dos pensamentos que marcaram o modernismo, embora divergentes em vários pontos, e ainda entre Budismo e Cristianismo, duas religiões nitidamente contraditórias em crença e em cultura, produz em *Ascese* elementos de tensão, em razão das disparidades que mantêm entre si. Deve-se lembrar que a tensão é um estágio necessário para a reavaliação e reestruturação do pensamento e não um desconforto ou discórdia entre os elementos da oposição. Ao invocar esses discursos e seus representantes, Kazantzákis confronta suas verdades como meio de ajudar o herói e como meio de libertar-se de seus próprios condicionamentos avaliativos.

O embate da multidiscursividade não resulta em dissolução de um ou mais discursos, não os afasta da obra, tampouco anula suas verdades. O silêncio conquistado pelo herói e por Kazantzákis é a descoberta da coexistência mútua de várias direções significantes num mesmo conceito ou ideias. O silêncio é a revelação de que, para o alcance da liberdade, não é necessária a exclusão ou a dissolução de uma forma de pensamento que condicione as atitudes do homem, mas seu trânsito é igualmente livre. A luta pela liberdade, então, não se realiza pelo aniquilamento das formas de aprisionamento, mas por um estado de ânimo do próprio homem em conviver com elas sem deixar que dirijam suas avaliações e criações.

Pertinente ao seu tempo histórico, em que o autor é o profeta de seu próprio caminho, Kazantzákis escolhe a multidiscursividade e o transbordamento dos gêneros para a instauração de sua luta pela liberdade e para a reordenação de seu caos pessoal. Entretanto, apesar de sua conquistada autonomia de escolhas dentre uma profusão de ideias e de conceitos, o modernismo não acatava o individualismo, havia a preocupação social em elaborar novas hipóteses para a construção de um mundo ordenado e coerente para todos. Preocupado igualmente com o caos social (consequência das crises que assolaram o mundo nos primeiros anos do século XX), Kazantzákis encontrou no Budismo os princípios propulsores do interesse pela coletividade: a origem interdependente de todos os seres e a compaixão. Concordando com esses ideais budistas, Kazantzákis compreende a raça, a humanidade e a Terra inteira em seu círculo de compromisso na luta pela liberdade.

A preocupação de Kazantzákis com a ordem coletiva abrange ainda o leitor, por meio da construção em *Ascese* de um diálogo com ele. Dessa maneira, é possível encontrar na obra semelhanças com manuais de exercícios espirituais, na leitura dos quais o homem empreende sua elevação por conta própria sem a ajuda de um mestre. Entretanto, *Ascese* não se constitui em um manual, pois vai desconstruindo em sua própria trajetória a ideia de mestres que sinalizem o caminho a ser seguido, conduzindo o leitor às suas próprias aptidões e permanecendo coerente com sua proposta de liberdade, ao consagrar a ele também a autonomia de escolhas.

A trajetória traçada por Kazantzákis para o alcance de sua própria liberdade e de toda a humanidade é substanciada pelos ideais expostos pelo Budismo, por Nietzsche e por Bergson. Assim, o niilismo, como a ruptura com os valores opressores, é a matéria-prima dos degraus que se estendem no caminho do herói. Mas se o niilismo nietzschiano defende a não-crença, a recusa a condicionamentos e a uma única perspectiva, Kazantzákis tampouco deve crer em Nietzsche, transformando-se o niilismo em mais um degrau a ser superado. O mesmo movimento de aceitação e recusa ocorre com o desapego budista. Ao indicar o desapego como meio de libertação de todo sofrimento, o Budismo acena a Kazantzákis com a necessidade de se despojar de seus próprios princípios.

Bergson, no entanto, é convocado à obra como o conciliador entre a crença e a não-crença. Por meio do conceito de élan vital, Bergson refaz as possibilidades de crença, pois indica a necessária convivência com as forças antagônicas da vida, sublimes e cruéis a um só tempo. O princípio do élan vital mostra-se independente a qualquer ruptura e criação humana, sendo necessário ao homem aceder às suas contradições. É dessa maneira que o niilismo nietzschiano em *Ascese* se transforma em niilismo heroico, em aceitação total das mais diversas oposições.

Se o objetivo da trajetória kazantzakiana é a libertação das crenças e dos discursos que condicionaram as atitudes e as perspectivas do herói/poeta (e leitor), os discursos de Bergson, Nietzsche e Buda, paradoxalmente, não se diluem na obra e não são superados como pensamentos aos quais não se deve crer. *Ascese*, ao contrário, os mantém atuantes e revela serem esses discursos em separado e em interação apenas caminhos possíveis para o alcance da liberdade. Dessa maneira, *Ascese* deflagra dois caminhos conjuntos em sua estrutura: o de que a não-crença é necessária para o alcance da liberdade e da autonomia de criações e avaliações, mas o de que crer na interação dos discursos presentes nesta obra é necessário para a aceitação da realidade terrena e para o retorno e ação criativa e avaliativa do herói no mundo material.

Nessa instância, o que se percebe em *Ascese* é o movimento cíclico. Movimento de retorno do herói ao mundo para oferecer a ele seu aprendizado alcançado, criação e recriação de poeta e leitor, não-crença e crença nos discursos e na existência de Deus, negação e afirmação da multidiscursividade. Por essa constatação, descobre-se que *Ascese* não pretende impor seu caminho, mas apenas apontar direções e promover o debate entre as formas de pensamento teórico, prático e artístico, propiciando a proliferação de ideias que interferem umas na existência das outras. O movimento cíclico entre os polos das oposições revela a liberdade em se optar por um deles, não havendo supremacia ou hierarquia. A não-opção de Kazantzákis por um dos pares dessas oposições é o silêncio libertador.

Referências

BARRENECHEA, M. A. *Nietzsche e a Liberdade*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2000.

BERGSON, H. *As duas fontes da Moral e da Religião*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

- DERRIDA, J. *Khôra*. Campinas: Papirus Editora, 1995.
- GONÇALVES, R. M. (org.) *Textos Budistas e Zen-budistas*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- HANH, T. N. *A Essência dos Ensinamentos de Buda*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- KAZANTZÁKIS, N. *Ascese. Os Salvadores de Deus*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Ática, 1997.
- MACHADO, R. *Nietzsche e a Verdade*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.
- NASCIMENTO, E. *Derrida e a Literatura*. Niterói: Eduff, 1999.
- NIETZSCHE, F. *O Anticristo*. São Paulo: Martim Claret, 2002.
- NIETZSCHE, F. *Obras Incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- SOUSA, M. A. Introdução. In: NIETZSCHE. *O Anticristo*. São Paulo: Martim Claret, 2002.